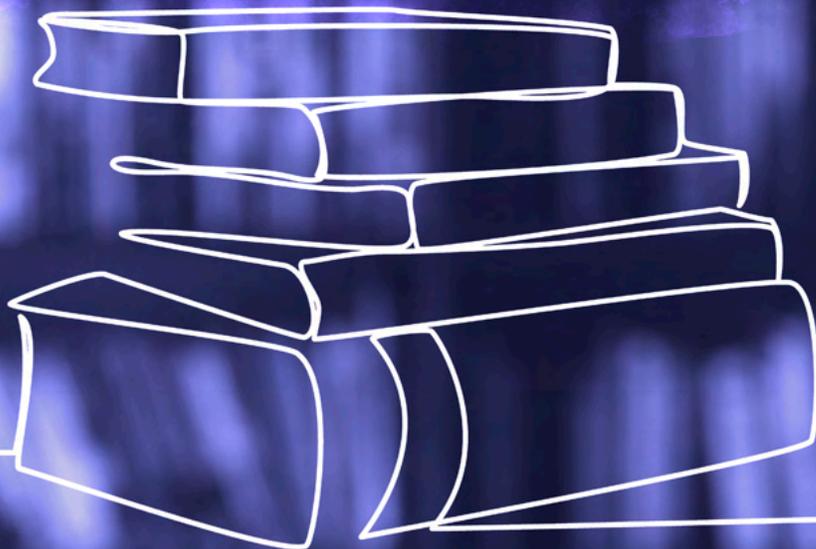


Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



Atena
Editora
Ano 2022

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura: imaginação e seus dispositivos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura: imaginação e seus dispositivos / Organizador
Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0673-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.730221609>

1. Literatura. I. Silva, Jadilson Marinho da
(Organizador). II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, Maria Eduarda Ribeiro e Susana Souto Silva, a partir da análise de poemas de Bruna Beber e Carla Diacov, abordam questões relativas à complexa relação existente entre corpo e memória. Nesse contexto, como afirmam as autoras: Beber, retomando a memória do cotidiano, da cidade, de um corpo que se (des) faz nas malhas da memória de modo, quase sempre, irônico. Diacov experimenta, em sua escrita, uma radical experimentação do corpo feminino, ao usar o sangue menstrual como tinta para elaborar desenhos que acompanham muitos dos seus poemas, estabelecendo um diálogo interartes. Ambas desafiam a nossa leitura, a nossa memória e afetam as percepções que temos de poesia, corpo e memória.

No capítulo 2, Daiane de Souza Alves Mauricio aborda o tema “*Casas de Pedra, em Nova Veneza-SC: um lugar de memória enlaçado de tempo e de eternidade evocados pelo imaginário*”. A pesquisadora reflete sobre a história das Casas de Pedra do Nono Luigi Bratti, em Nova Veneza – SC, bem como sobre os objetos que nela se encontram e a marca que tais objetos e edificações deixou nas pessoas entrevistadas neste estudo, tendo como referencial as memórias revisitadas, percebemos que os relatos são marcados pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.

No capítulo 3, Cassiano José dos Santos aborda o tema “*Odisseia, Eneida e Ramayana: épicos imprescindíveis*”. Nesse estudo, o autor apresenta o conceito de identidade contido nas epopeias nacionais. Tal problemática tem o intuito de identificar os elementos literários, mitológicos, culturais e artísticos contidos em algumas obras com ênfase em tópicos de convergência significativos e simbólicos.

No capítulo 4, Cláudia Miranda da Silva Moura Franco, Solange Correia de Lima e Claudia Nigro fazem uma análise crítico-interpretativa entre literatura, memória e acontecimento histórico no romance *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage. Nesse sentido, elas procuram estabelecer relações da narrativa com os elementos factuais que engendram o período da ditadura militar no Brasil.

No capítulo 5, Sandra Elizabeth Silva de Barros analisar a relação entre o cachorro e o homem no filme *Paterson* de Jim Jarmusch.

No capítulo 6, Wcleverson Batista Silva busca estudar e compreender as diversas influências e importação provinda do além-mar no campo da historiografia literária e educacional assim como a forte relação de favor entre os primeiros institucionalizadores deste sistema.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MEMÓRIA DO CORPO REINVENTADA NA POESIA DE BRUNA BEBER E CARLA DIACOV	
Maria Eduarda Ribeiro	
Susana Souto Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216091	
CAPÍTULO 2	16
CASAS DE PEDRA, EM NOVA VENEZA-SC: UM LUGAR DE MEMÓRIA ENLAÇADO DE TEMPO E DE ETERNIDADE EVOCADOS PELO IMAGINÁRIO	
Daiane de Souza Alves Mauricio	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216092	
CAPÍTULO 3	26
ODISSEIA, ENEIDA E RAMAYANA: ÉPICOS IMPRESCINDÍVEIS	
Cassiano José dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216093	
CAPÍTULO 4	45
AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO: A TORTURA DO CORPO FÊMEO EM <i>O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE</i>	
Claudia Miranda da Silva Moura Franco	
Solange Correia de Lima	
Claudia Maria Ceneviva Nigro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216094	
CAPÍTULO 5	55
A COLEIRA HUMANA NO FILME PATERSON	
Sandra Elizabeth Silva de Barros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216095	
CAPÍTULO 6	68
AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO IMPORTAÇÃO EUROPEIA	
Wcleverson Batista Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216096	
SOBRE O ORGANIZADOR	86
ÍNDICE REMISSIVO	87

CAPÍTULO 2

CASAS DE PEDRA, EM NOVA VENEZA-SC: UM LUGAR DE MEMÓRIA ENLAÇADO DE TEMPO E DE ETERNIDADE EVOCADOS PELO IMAGINÁRIO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 01/08/2022

Daiane de Souza Alves Mauricio

Universidade do Sul de Santa Catarina,
Tubarão/SC
<http://lattes.cnpq.br/6525051413926612>

RESUMO: As Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, são espelhos de uma época passada, metamorfoseando-se em lugar de memória. Um lugar enlaçado de tempo e de eternidade, acolhido nos braços da tríade: história, imaginário e memória. E essa riqueza evocada dá-se - além da estrutura física das casas, que nos transportam para uma outra época - também, pelos objetos antigos que as compõem. Para percebermos quais são as memórias, sensações e histórias que serão evocadas e revividas a partir do contato com as Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, e com os objetos que elas acolhem em seu interior, ouvimos duas idosas da cidade de Tubarão – SC, que nunca haviam visitado as casas, mas que já vivenciaram o manuseio dos objetos que lá se encontram. O procedimento metodológico está fundado na pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, a partir da observação do sensível das narrativas. Narrativas, estas, sempre enlaçadas pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Casas de Pedra. Objetos. Memória. Imaginário. Sensibilidades.

HOUSES OF STONE, IN NOVA VENEZA-SC: A PLACE OF MEMORY LINKED TO TIME AND ETERNITY EVOKED BY THE IMAGINARY

ABSTRACT: The Casas de Pedra, in Nova Veneza – SC, are mirrors of a bygone era, metamorphosing into a place of memory. A entwined place of time and eternity, embraced in the arms of the triad: history, imagination and memory. And this evoked wealth is given - in addition to the physical structure of the houses, which transport us to another time - also, by the old objects that compose them. In order to understand what are the memories, sensations and stories that will be evoked and relived from the contact with Casas de Pedra, in Nova Veneza - SC, and with the objects they house inside, we heard two elderly women from the city of Tubarão - SC, who had never visited the houses, but who had already experienced the handling of objects that are there. The methodological procedure is based on descriptive research with a qualitative approach, based on the observation of the sensitive in the narratives. Narratives, these, always linked by the strong presence of the father, family and work.

KEYWORDS: Stone Houses. Objects. Memory. Imaginary. Sensitivities.

1 | INTRODUÇÃO

A memória e o imaginário passeiam de mãos dadas com a história. Relembrar o que estava guardado na memória faz com que revivamos o momento passado, e as sensações

que surgem a partir desta experiência. Os lugares - que outrora eram simples, não evocando o extraordinário - são metamorfoseados em lugares de memória, enlaçando vida e morte, tempo e eternidade. Ali, são revividas na lembrança vivências únicas que, hoje, já não se tem mais.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, p. 22, 1993).

Assim, justamente é a forma com que Nova Veneza, uma cidade ao sul do estado de Santa Catarina, apresenta-se: faz-se lugar de memória. Como forma de eternizar e rememorar toda a trajetória dos colonizadores italianos, em 1891, a cidade oportuniza aos visitantes uma viagem a um passado que ainda se faz presente, através de objetos e construções da época da colonização. Tais objetos são encontrados, principalmente, no Museu dos Imigrantes e nas Casas de Pedra, estas que serão as peças desencadeadoras deste trabalho.

Tamanha é a valorização dessas construções que as Casas de Pedra foram tombadas como Patrimônio Histórico Nacional e Patrimônio Histórico do Estado de Santa Catarina, através do Decreto de Tombamento 5,725, de 30 de setembro de 2002. Um fato encantador é que a técnica de construção trazida pelos imigrantes italianos para construir as casas usava somente pedra e barro, e as três edificações demoraram em torno de 10 anos para serem construídas.

As edificações das Casas de Pedra apresentam-se hoje como um lugar-memória, onde passado se aloja nos objetos da vida cotidiana, nas sensações que eles despertam e que lhes servem de suporte mnemônico.

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo sacrifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. (NORA, p. 12-13).

Os objetos lá encontrados apresentam-se a nós como testemunhas do passado e nos trazem sentidos, por isso que nos apegamos a ele.

Toda categoria de objetos [...] parece contradizer as exigências do cálculo funcional para responder a um propósito de outra ordem: testemunho, lembrança, nostalgia, evasão. Pode-se ser tentado a ver neles uma sobrevivência da ordem tradicional e simbólica. Mas tais objetos, ainda que diferentes, fazem parte eles também da modernidade e dela retiram seu duplo sentido. [...] Não tem mais resultado prático, acha-se presente unicamente

para significar. É inestrutural, nega a estrutura, é o ponto-limite de negação das funções primárias. Todavia não é nem afuncional, nem simplesmente “decorativo”, tem uma função bem específica dentro do quadro do sistema: significa o tempo.” (BAUDRILLARD, 2004, p. 81-82).

Assim, o foco de estudo deste trabalho dá-se através dos objetos encontrados nas Casas de pedra, e pelas próprias, vistas, aqui, como lugares de memória. Sendo assim, a indagação que dá vida a este artigo é (re)conhecer quais serão as memórias, sensações e histórias evocadas e revividas a partir do contato com as Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, e com todos os objetos que ela acolhe em seu interior?

Para que possamos ir ao encontro dessa resposta, optamos pela pesquisa qualitativa e pela observação do sensível das narrativas de duas idosas, uma de 88 anos e, a outra, 92 anos, que, além de visitar as edificações das Casas de pedra, manusearam os objetos lá encontrados.

2 | HISTÓRIA E LUGAR DE MEMÓRIA

A história e a memória desfrutam de uma longa caminhada juntas. A primeira, liga-se às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas; a segunda, enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A junção entre memória e história descortina um passado, muitas vezes, distante, não só em relação ao tempo, mas a fatos e vivências que insistimos em não lembrar.

Assim, é imprescindível perceber que

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. (NORA, p. 09, 1993).

Sendo, então, a história a representação do passado, as Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, contam-nos uma história de colonização italiana, de uma época em que 400 famílias vieram da Itália almejando uma vida nova, repleta de realizações. Ao observar a estrutura das Casas de pedra, tão primitiva e encantadora, vemos um enlaçamento de pedras e barro constituindo-se em lar, em ninho aconchegante, acolhedor, mesmo em meio à simplicidade. Fato este que recorda a fala de Bachelard (1993, p. 260) quando afirma que “A árvore é um ninho desde que um grande sonhador nela se esconda”. Ou seja, a *priori*, a árvore pode parecer somente o que de fato é, mas, a *posteriori*, torna-se ninho quando algum pássaro, por exemplo, vê, ali, possibilidade de ninho, de lar, de aconchego para os seus. Assim, aconteceu em Nova Veneza – SC, o que parecia para os imigrantes italianos ser um grande obstáculo: uma terra a ser desbravada, repleta de pedras pelo caminho e barro vermelho, transformou-se em materialização, em casa, em ninho, em aconchego.

Ora, ali havia sonhadores.

Um sonhador, em especial, chamado Luigi Bratti, construiu as três casas de pedra em momentos distintos, demorando cerca de 10 anos para serem finalizadas.



Fonte: Google, 2020.

A técnica usada por Bratti para a edificação das casas chama-se vernacular (cantonaria), termo utilizado para a construção que faz uso de materiais e recursos encontrados na natureza. A primeira casa a ser construída foi a da esquerda (foto), nela, tinham os quartos, a estrebaria e o celeiro, onde os imigrantes armazenavam o grão. Depois, com o casamento dos filhos, as outras duas casas foram construídas. Na casa da direita, ficavam o quarto, a sala e o sótão; na casa do meio, a cozinha.

Dessa forma, “Eis o ninho vivo, o ninho habitado” (Bachelard, 1993, p. 259) que, a partir de cada membro acolhido na família, transformava-se em um ninho maior. E o mais importante: ainda hoje, resplandece gritantemente a vontade de abrigar além das paredes: na memória; metamorfoseando-se, assim, em lugar de memória, em laboratório das mentalidades do passado, em gatilho para a lembrança.

Oscilação do memorial ao histórico, de um mundo onde se tinham ancestrais a um mundo da relação contingente com aquilo que nos engendrou, passagem de uma história totêmica para a história crítica: é o momento dos lugares de memória. Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações. [...] são marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos [...]. são os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 13-14).

As Casas de Pedra Nono Luigi Bratti, como são conhecidas, por si sós já

desencadeiam memórias, entretanto o cenário do ninho familiar Bratti ainda é preservado, também, pelos objetos-símbolo que lá estão: das camas feitas artesanalmente, dos colchões encheidos com palhas de milho, dos retratos da família nas paredes, do acolhedor fogão à lenha, das louças da época, da máquina de costura, dos instrumentos utilizados no arado da terra, dentre tantos outros. Aqui, percebemos o harmonioso enlace da história e da memória, corroborando a ideia de Nora (1993, p. 13) quando afirma que “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos [...] Lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, [...] mas onde palpita ainda algo de uma vida simbólica.”.

Dessa forma, visitando as Casas de Pedra, vemos um arquivo vivo de uma vida simbólica, principalmente para aqueles que já viveram uma experiência semelhante a dos himigrantes – ou mesmo que tenham ouvido narrativas de familiares a respeito, o que Halbwacks (2004) chama de memória por tabela -, que compartilharam as dificuldades e alegrias de uma outra época. Conhecendo o local, voltamos ao eu-primitivo das intimidades perdidas, sendo assim, ao ninho se volta ou se sonha voltar.

3 | AO NINHO SE VOLTA OU SE SONHA VOLTAR...

Os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia chamam a atenção; neles, muitas vezes, recordamos momentos vividos. As Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, suscitam o sentimento de continuidade através dos locais de visitação feitos pelos colonizadores italianos, tornando-os em lugares de memória.

Lugares salvos de uma memória na qual não mais habitamos, semi-oficiais e institucionais, semi-afetivos e sentimentais; lugares de unanimidade sem unanimismo que não exprimem mais nem convicção militante nem participação apaixonada, mas onde palpita ainda algo de uma vida simbólica. (NORA, 1993, p. 14).

Seremos nós, enfim, mais sensíveis ao componente simbólico? Oporemos, por exemplo, os lugares dominantes aos lugares dominados. Os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, quer por uma autoridade nacional, quer por um corpo constituído, mas sempre de cima, tem, muitas vezes, a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais. Mais nos deixamos levar do que a eles. Os segundos são lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória. (NORA, 1993, p.26).

A memória, nesse caso, é a vida, pulsante, que (sobre)vive através dos anos e faz-se presente nos dias de hoje. Os objetos e pertences dos antepassados que residiam nas Casas de pedra são memórias vivas, que pulsam convidativamente a contar suas histórias e a se equalizarem as de muitas outras pessoas.

É importante evidenciar que as Casas de pedra, outrora, assim como as de hoje, foram portos-seguros, para aonde se pode voltar no final de um dia cansativo. Muitas pessoas

já tiveram mais de uma casa, entretanto a que fica na memória é justa e normalmente a de quando se é criança. Muitas memórias são trazidas à tona ao revisitarmos um lugar verossimilhante ao que já moramos um dia. Observar objetos antigos que fizeram parte da infância, faz com que possamos recordar também dos objetos da meninice.

Para que isso aconteça, entrevistamos duas idosas do município de Tubarão – SC, que não conheciam até então as Casas de Pedra de Nova Veneza – SC. Oportunizamos a visita ao local, tendo uma escuta sensível para as memórias revividas a partir do lugar e dos objetos-símbolo encontrados no local. As participantes são duas mulheres, que serão identificadas pela letra inicial de seus nomes e pelo número referente à idade que possuem, G88 e P92, 88 e 92 anos, respectivamente.

Quais serão as memórias, sensações e histórias evocadas e revividas a partir do contato com as Casas de Pedra, em Nova Veneza – SC, e com todos os objetos que ela acolhe em seu interior? Quais narrativas teremos com G88 e P82 retornando à representação do que, um dia, fora o seu ninho? Que imagens e sensações perduram na memória delas que suscitam o imaginário partilhado? E se suscitam? Esses são alguns questionamentos que pretendemos responder através da análise sensível das narrativas das memórias feitas pelas participantes.

Este signo do *retorno* marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente de íntima fidelidade. (BACHELARD, 1993, p. 262).

Barbier (1998, p. 169) afirma que a escuta sensível procura “[...] oferecer sentido ao sujeito e nunca impor sentido”. Nas escutas que realizamos, os sentidos foram oferecidos por meio do diálogo intersubjetivo entre pesquisadora e participantes. Para tanto, foi fundamental o registro dos sentidos que circularam nas sessões, através de gravação e, por conseguinte, a concretização destes, sob forma de transcrição e análise das falas. Começamos, agora, a transcrição da experiência da visita às Casas de pedra.

Ao entrarem avistarem a casa, G88 disse:

“Na nossa casa que eu nasci era de barro, eles faziam tudo de ripa e faziam barro e jogavam assim óh, pam, e pegava na parede lá, tudo de barro... engraçado né!? Igual a esta, só que não tinha pedra”.

Quando entramos na casa sobrado (à direita na imagem 01), as participantes colocaram as mãos no rosto, impressionadas com o que estavam vendo. Ao subirem as escadas e se depararem com a cama antiga, o colchão de palha de milho e as malas ao lado da cama, a primeira atitude de P92 foi inusitada (ou não): emocionada, e sem hesitar, deitou-se na cama, sobre o colchão de palha de milho. Já, G88, sentou-se no colchão, e logo disse:

“A gente às vezes desfiava e botava no colchão a palha de milho, mas,

quando a gente dormia, espetava, às vezes a gente errava e colocava aquele por traz da espiga, aquele caroço, uixi!”.

P92, disse:

“Antigamente, tinha dessas camas lá em casa, daí colocava um sarrafo embaixo, com um sarrafo do lado, e [...] os filhinhos, aí ficava no chão. E o tempo de pulga? Meu Deus! (dá as costas e sai caminhando, como se demonstrasse desespero). Aí pulava, pum, pum, pum, pum (fazendo gestos com as mãos do chão até o tronco superior), nós não dormia, [...] aí mordida [...], por causa da manta, no tempo da manta de cidre.”.

Os gestos juntos à fala demonstram uma riqueza imensa de detalhes e fazem da narrativa que se estabelece, uma outra: a narrativa tácita, que não se quer pronunciar. O ato de “dar as costas” e sair caminhando representou uma lembrança que se deseja esquecer, abandonando o passado, evitando se lembrar dele. Neste pontuar da narrativa vemos que o esquecimento pode ser não só uma escolha, como também uma dádiva. A descrição da experiência do choque por Walter Benjamin é uma das primeiras e mais fortes imagens do indivíduo moderno, fragmentado, incapaz de reagir aos estímulos com que se depara (Benjamin, 1973). Aqui, teve-se reação, mas tão somente de virar as costas como forma de encerrar o assunto, e deixar a experiência somente no passado.

Ao ser questionada sobre quem era responsável por fazer os colchões e as camas, P92 respondeu:

“Os rapazis faziam a cama, e aí a minha mãe também ajudava. Só eu fazia os colchão de palha. Aí tinha o falecido Guilherme, o João nosso, o João que era pequeno, e tinha aqueles caroços, descascava e fazia tudo de folha, e depois fechava o pano e botava as palha dentro, daí o pai deitava, chuáaaaa, chuáaaa. Mas o diacho é que tinha pulga.”

Quando P92 mencionou o “*chuáaaaa, chuáaaaa*”, ela riu, um riso de satisfação por se lembrar de que o pai era quem primeiro experimentava o colchão, aprovando o trabalho artesanal da filha, sorriso, este, carinhoso, que evocou respeito pela figura paterna.

G88, ao avistar o berço infantil, logo se lembrou do irmão caçula, hoje, falecido:

“Eu me lembra do falecido Vicente, naquele lá (apontando para o berço menor), eu embalei ele, o dele tinha pé pra embalar né, e a caminha assim (uma espécie de berço, só que em tamanho maior) depois nós drumino”. [...]

Ao se depararem com um baú, G88 relatou:

“Esse aqui era um caxotinho óh, meu pai fazia pra colocar no pé da cama, daí botava roupa [...] e se fosse dormir, vestia uma roupa limpa pra dormir na cama.”.

Assim como na fala de P92 sobre o pai, neste relato da figura paterna transcende o tempo e a morte, fazendo-se presente.

Depois, ao avistarem uma bacia de esmalte da cor branca, G88 logo disse:

“Essa bacia era para lavar o rosto [...], aqui não tinha bacia, foi comprada lá

na Laguna, aqui não tinha bacia de esmalte”.

E P92, nesse momento, interrompeu a fala de G88 e falou com pesar:

“Ah! A nossa bacia a enchente carregou....”.

Aqui, vemos um desencadeamento de ideias. A bacia esmaltada que, para uma, representa(va) uma grande aquisição para a época, visto que fora comprada em outro lugar, em uma cidade vizinha a de Tubarão, Laguna - SC; para a outra, representa uma lembrança que remete à perda, entrelaçando-se, assim, em outro momento histórico: a enchente de 1974, em Tubarão – SC.

Outro momento interessante em que o gesto falou tanto quando as palavras narradas, foi quando G88 avistou o pilão; logo, dirigiu-se até ele, pegou o socador nas mãos e disse:

“Pilão de socar café... quantos que eu soquei”. (Fez o sinal da cruz depois de falar isso).

Novamente, o gesto desencadeado por uma memória desagradável, pelo fato do árduo trabalho que G88 tinha quando era mais jovem, representa uma proteção contra a suposição de que isto poderia acontecer novamente; pedindo a Deus, então, que a livrasse deste mal. Fazendo do sinal da cruz uma arma, devido ao seu indefectível significado de domínio e levantamento, visto que a cruz revela a aproximação entre os atos terrenos – horizontais e imanentes - e os valores celestes – verticais e transcendententes -.

G88 ficou emocionada ao ver o ferro de passar roupas, visto que sustentava a família com o trabalho de lavadeira.

“Ferro de brasa de passar roupa. Era brasa que colocava aqui dentro né, aí a roupa era branca, que eu lavava pro hotel, aí a cinza caía em cima da roupa bem arvinha (alva), eu tinha que lavar de novo no outro dia pra passar; aí a gente fazia assim óh (soprando a base do ferro), pra sair a cinza, porque era brasa. Tempo abençoado isso aqui, oh.”

Além disso, quando viu os itens que compunha uma balança antiga, G88 lembrou-se da venda que tinha perto de casa:

“Tinha venda perto da nossa casa, nós comprava no quilo e eles pesava com isso aqui óh. (Apontado para a balança antiga). Era a venda do falecido Ataito, naquele tempo, né.”

“Também tinha isso; se chamava meio arqueri, pra botar farinha de milho, farinha de mandioca, dentro ali.”

A memória nos possibilitou trazer à luz da contemporaneidade um passado afetuoso, repleto de significações para todos os envolvidos. A cada ato, a cada toque nos objetos, as expressões faciais corporais frente às perguntas, enriqueceram o baú das memórias que ora estavam no esquecimento e borbulhavam saudosas para serem lembradas, ora queriam ser esquecidas de vez.

Todas as lembranças representavam uma volta, principalmente, ao tempo da meninice onde, mesmo crianças, tinha-se muito trabalho a ser cumprido e esperava-se pela aprovação dos mais velhos. A afetuosidade estava presente em cada palavra proferida, em cada gesto feito e em cada expressão formada pelas participantes. O carinho e o respeito ao narrar os acontecimentos foram evidentes, principalmente quando acariciavam os objetos que estavam nas suas mãos ou quando a voz embargava por narrar algo que lhes tocavam o coração. E, assim, como diz Bachelard (1993, p. 321): “O espírito vê o objeto. A alma encontra no objeto o ninho da imensidão”. Imensidão que, naquele momento, todos puderam ver e tocar.

4 | CONCLUSÃO

Ao refletir sobre a história das Casas de Pedra do Nono Luigi Bratti, em Nova Veneza – SC, bem como sobre os objetos que nela se encontram e a marca que tais objetos e edificações deixou nas pessoas entrevistadas neste estudo, tendo como referencial as memórias revisitadas, percebemos que os relatos são marcados pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.

O pai era o primeiro a experimentar o colchão de palha feito artesanalmente pela filha mais velha, bem como era quem fazia os trabalhos em madeira, como o caixote em forma de baú que ficava ao pé da cama.

Quando se fala do pai, não se trata do pai como simples agente de paternidade biológica, mas como o operador simbólico. É na dinâmica da dialética edipiana que ocorre a construção desse pai simbólico a partir do pai real e que a função paterna vai exercer influência na estruturação psíquica da criança. O pai, como função simbólica, é estruturante, de forma que o exercício de sua função impacta na estruturação psíquica da criança e no seu processo de desenvolvimento. Esse não está preso necessariamente à história cronológica, mas à história mítica. (DOR, 1991, p. 03).

Além disso, o trabalho vinha à tona nas narrativas, visto que, desde muito cedo, as crianças já tinham as suas tarefas no núcleo familiar.

Para finalizar, todos os relatos eram ambientalizados no e para o núcleo familiar. O carinho emergia da tonalidade de voz de cada participante. Entendemos, nos relatos, que realmente na família das duas participantes, a casa se fazia lar e o lar metamorfoseava-se em ninho.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A escuta sensível na abordagem transversal**. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Benjamin, Walter. **Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism**. London: NLB, 1973.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bruna Beber 1, 2, 3, 4, 5, 6, 14

C

Carla Diacov 1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14

Casas de Pedra 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24

Corpo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 35, 38, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

E

Eneida 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 41, 42, 43, 44

Epopéia 26, 29, 32

H

História 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 27, 30, 31, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 64, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 82, 84, 85

I

Identidade 26, 27, 28, 42, 43, 44, 52

Imaginário 8, 16, 21, 27, 28, 47, 51

M

Memória 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

Mulher 9, 11, 12, 13, 14, 29, 33, 36, 38, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 52, 58, 59, 74

O

Objetos 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Odisseia 26, 27, 28, 29, 34, 37, 40, 42, 43, 44

P

Poesia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 13, 14, 55, 56, 65, 66, 67

R

Ramayana 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

S

Sensibilidades 16

T

Tortura 45, 46, 48, 50, 51

V

Violência 12, 13, 14, 28, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 56, 59

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

